Escuta, Conserva Cultural e Espontaneidade no Empreendedorismo Contemporâneo: um dispositivo psicodramático aplicado ao trabalho

Douglas Fernando de Oliveira Alves[1]
Andréa Claudia de Souza[2]

RESUMO

O empreendedor contemporâneo raramente encerra o dia de trabalho; ele apenas desloca o trabalho para dentro de si. O empreendedorismo é socialmente associado à autonomia, inovação e protagonismo. Contudo, na prática organizacional, observa-se um conjunto recorrente de sofrimentos vinculados à centralização decisória, à dificuldade de delegar, à sobrecarga constante e à solidão no exercício da liderança. Este trabalho parte da hipótese de que tais fenômenos não se reduzem a questões técnicas de gestão, mas expressam conflitos de papéis sustentados por conservas culturais cristalizadas no território do trabalho. A proposta fundamenta-se na compreensão socionômica de que o trabalho é um território relacional onde memórias culturais do "dar conta de tudo", do controle como sinônimo de liderança e da produtividade como valor moral operam como estruturas rígidas. A conserva cultural pode ser entendida como produto congelado de um ato criador anterior; quando não atualizada, restringe a espontaneidade, compreendida como capacidade de responder adequadamente a situações novas ou de forma nova a situações antigas. No contexto empreendedor, conservas inicialmente adaptativas tornam-se limitadoras à medida que o negócio se complexifica e exige redistribuição de responsabilidades. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-reflexiva, baseada em micro-recortes clínico-organizacionais oriundos da prática da Fala Mentoria Criativa. O dispositivo de escuta estruturada, organizado nos eixos Demanda, Sensações, Impacto, Reflexões e Movimentos, opera como campo de observação e intervenção simultaneamente. A escuta funciona como espaço potencial que favorece transições de papel; como prática dialógica que amplia consciência crítica e congruência experiencial; e como ética relacional que compreende o cuidado responsável como condição para crescimento e transformação nas relações de trabalho. Os casos analisados indicam que a solidão empreendedora frequentemente se configura como desorganização sociométrica associada à hipercentralidade do fundador e à ausência de redistribuição simbólica de poder. A escuta estruturada possibilita nomeação das conservas, legitimação da vulnerabilidade e reorganização das relações de trabalho, tanto no plano subjetivo quanto no coletivo. Nesse movimento, a espontaneidade emerge não como traço de personalidade, mas como função adaptativa sustentada por segurança psicológica e por vínculos que autorizam experimentação sem ameaça. Conclui-se que a escuta, quando aplicada ao contexto organizacional a partir de fundamentos socionômicos, pode operar como desdobramento contemporâneo do Psicodrama

[1] Estudante de Psicodrama, Potenciar Consultores & Associados, douglas@falamentoriacriativa.com.br.
[2] Psicodramatista Didata Supervisora, Potenciar Consultores & Associados, andrea@poteciar.com.br.

Organizacional e como prática ética de cuidado no trabalho. Ao reconhecer o empreendedor como sujeito atravessado por memórias culturais e redes relacionais complexas, amplia-se o campo de intervenção psicodramática para além da técnica, situando o trabalho como espaço vivo onde conserva, espontaneidade e criatividade disputam continuamente o modo de existir e liderar.

Palavras-chave: Psicodrama Organizacional. Conserva cultural. Espontaneidade. Empreendedorismo. Escuta.